

AUSÊNCIA DE SIRIUS

Julho / 1974

“Sirius é o exemplo de uma estrela que mudou de cor...”
Kosmos – Alexander von Humboldt

I

1 A névoa da noite envolve, embala,
esconde, engana, espreita, esfola...
Entra por dentro,
defenestra a alma
5 e suja as mãos de sangue,
como se fosse natural.

As luzes na névoa da noite
remontam, remetem, repetem
outras luzes na névoa da noite
10 em que Wagner vagava em Viena
se inspirando, conspirando,
acalentando tetralogias.
Procurando no suspiro da moça,
no arrote do bêbado,
15 no resfolegar da fera,
as frestas e arestas da realidade.

Na noite de névoa e estrelas ausentes
todos vagam, conspiram e suspiram.
Conjuram emoções várias,
20 forjando do medo e da coragem

21 um sentimento natural
para poder varar a noite.
Impossível.

II

A noite nebulosa é áspera, ávida, espessa...
25 Nela, na cerração densa,
a naturalidade é antinatural,
proibida, como o sorriso aberto
e o silvo breve.

Nela, na áspera neblina,
30 o mistério escorre pelas ruas,
adere às paredes,
invade as alcovas
e conspurca os sonhos.

Nela, na ávida bruma,
35 as pessoas são difusas,
as formas confusas,
as luzes intrusas,
as sombras profusas,
as portas oclusas,
40 o medo côncavo
e o espaço exíguo.

No conchavo da noite, da névoa e da luz,
à distância de uma grita, de um lamento,
espreita o desconhecido, o indevassável.
45 No meio de tudo, dorme a futura amante
que agora o espelho esconde.

III

47 Além do halo da luz, no relevo da noite,
mora o Deus onisciente
e o segredo indevassável;
50 moram Beatriz, Helena e Eleanor,
todas interdidadas.

As luzes, na névoa da noite,
são paradigmas e limites reticentes
que cercam a ousadia e cerceiam a audácia.
55 Somente no círculo da luz a coragem é possível,
não fora dele, não na névoa da noite.

Longe, além das luzes, há de tudo:
festas, faustos, faunos,
fodas, fobias, fadas,
60 febres, fugas, falenas...
Longe, atrás do esquecimento,
brotam germes e sementes,
robustos rebentos rompem os ventres.
Assustados?

65 Tudo se esconde além das luzes,
as paixões vorazes, os amores fugazes,
os pias ascetes, os duros revezes,
as belas meretrizes, os tempos felizes,
os monstros ferozes, os temidos algozes,
70 os tétricos obuses, as silentes cruces.

Longe, além das luzes, está o mundo,
que reboa e ruga, que peca e purga.

IV

73 As sombras,
nos limites do halo de luz,
75 se alongam.
Negaceiam, negociam, transmudam-se
em tristes pássaros desalados,
em turvos profetas desalentados,
80 em trágicos amantes desolados,
em tépidas mulheres desejadas,
em tontas meninas desajeitadas.

Silhuetas de sigilo e silêncio:
quietas, calmas, descoloridas,
desfiguradas, desnudas, desorientadas,
85 mudas e caladas.
Inexpressivas, impassíveis, impessoais.
Criaturas do limite das sombras,
da borda das trevas, do recesso dos sonhos,
revividas pelo brônzeo clarão de luz.

90 Na noite de névoa, parca de habitantes,
prenhe de sombras, grávida de sonhos,
o real está oculto nos passos das bailarinas,
moças-meninas que amam com fúria
os heróis cobertos de glória.
95 Argamassa, História.

V

Aquém do halo da luz
são impossíveis Deus e o mistério.
Tudo é desvendado, deslindado, desventrado,

99 desmontado, detalhado, demonstrado,
100 devassado pela luz.

Na ausência de Sirius,
mesmo a Lua,
— a afiada lâmina da Lua —
minguante, crescente ou cheia,
105 que do alto não clareia,
é demitizada, desmistificada,
desmascarada, demarcada,
descrita, decriptada,
descerrada, devassada,
110 delimitada, deseclipsada,
dissecada, derrotada...
Como outra Selena qualquer,
como outra Jacira qualquer,
inclusive a que não soube amar.

VI

115 Além do halo da luz
é a terra de ninguém,
são os trilhos do trem,
os sinos de Belém,
o eco do réquiem,
120 o vagido do neném,
o murmúrio do amém
do padre que disse a missa
e abençoou a hóstia sagrada,
salgada, sacrificada, saudada,
125 salvaguardada (do homem,
do anjo, do arcanjo,
do doente, do dolente, do diferente,
do igual, do ausente,

129 do sacristão, do ermitão e de mim),
130 saboreada pela velha senhora,
que invoca os gatos
aventureiros da névoa.

VII

No edifício uma escada,
uma torre, um dilema...
135 Subir a escada ou escalar o edifício?
Nada. Permanecer na névoa da noite
estático, apático, patético.

No edifício os despertos sucumbem:
gozam seus sexos escassos,
140 gemem juntados em abraços,
dividem seus cansaços,
perdem o passo,
pulam no espaço
(infinitas janelas,
145 convites para o suicídio)
caem no laço.
Estendem a mão, o coração,
aceitam a extrema unção...
Protelam e adiam o amanhã
150 que fatalmente virá.

No edifício os insones resistem:
socam Johns Waynes,
beijam Marilyns Monroes,
desafiam Marlons Brandos,
155 e desejam Catherines Deneuves.
Assistem reprise, reclames, intervalos,
refregas entre índios e cowboys.
Leem bulas, bíblias, missais, manuais.

159 Murmuram canções, confissões, maldições, orações...

160 Preces que não entendem,
que não atendem suas necessidades
de encontrar um explicação, expiação, anunciação
de fim, começo e meio do mundo.

No edifício uma janela aberta
165 permite a entrada de ar
no pulmão do asmático,
problemático, sorumbático
que pensa se compensa o que sofre.

Outra janela aberta (esquecida?),
170 acorda a menina desaquecida
que sonhava que era feliz.